

As nossas vidas e o capitalismo

Mauricio de Souza Sabadini⁽¹⁾



(1) Doutor em Economia pela Universidade Paris 1 Panthéon Sorbonne (França), Professor de Economia do Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e Ex-tutor do PET-Economia/Ufes.

Quando fui convidado para escrever este texto para a Revista do PET-Economia/Ufes, minha primeira reação foi, como não poderia deixar de ser, de aceitar imediatamente, respondendo sem mesmo pensar se eu poderia ou não. Como eu disse na mensagem, o PET para mim ocupa um lugar central, estando sempre em nível de prioridade. Pensando desta forma, eu não tinha opção, era fazer ou fazer.

Na mensagem fui informado de que o tema era livre, apesar deste número da revista ser intitulado “Capitalismo, neoliberalismo e contemporaneidade: a sociedade em meio à

pandemia”, nada mais importante e original. Desde esse dia, fiquei pensando no que poderia escrever diante de meus limites e possibilidades, físicas e mentais. Afinal, creio ser desnecessário qualificar o que tem sido os últimos anos e, principalmente, o que foi o ano de 2020 para nós que, segundo a Revista Times (dezembro 2020), foi “o pior ano de todos”, “o pior ano da história”.

Não que eu discorde totalmente desta afirmação, sobretudo porque meu/nossos anos de existência são insignificantes se comparados à própria história da humanidade e, particularmente, do capitalismo. Não querendo banalizar e/ou naturalizar as catástrofes, mas será mesmo que ele foi o pior? Ou, se tivermos um olhar para a história da formação e desenvolvimento de nossa sociedade não poderíamos enumerar inúmeros outros anos carregados de catástrofes, fome, extermínios (indígena...), escravidão, guerras mundiais, pestes (Peste Negra no séc. XIV, Gripe Espanhola no séc. XX...), que poderiam tranquilamente também serem considerados “os piores”? Naturalmente, para nós que estamos vivendo este dia a dia, ele merece este título.

Pensando nisso, acabei resolvendo escrever sobre o capitalismo, ou sobre nós e o capitalismo. Aqui, nada de original... E pasmem, acho que pela primeira vez eu criei

um título sem ter escrito quase nada do texto. Afinal, fala-se por aí que o título e a introdução de um trabalho são os últimos a serem feitos.

De forma repentina, percebi que na primeira versão do título, meu viés economicista colocava o sistema acima ou em primeiro lugar, “o capitalismo e nossas vidas”, coisas do materialismo. Mas, mesmo que com certa hesitação, confesso, e colocando as vidas acima de tudo, inverti e iniciei o título com “as nossas vidas”, para não dar a impressão de que elas são meras determinações do capitalismo. Ou será que não são mesmo?

Enfim, resolvi escrever um texto de forma livre, fugindo do academicismo e do formalismo excessivo, que por vezes extrapolam um pouco, mesmo que eu não tenha nem formação, nem experiência neste tipo de redação. Daí, já podem perceber que não começo o texto dizendo qual será meu objetivo, qual será minha hipótese, até porque eu não as tenho. Ou se tenho um objetivo, posso dizer que é apenas apresentar algumas reflexões gerais sobre nossas vidas e o capitalismo. Sabemos que do ponto de vista da delimitação formal de um objeto científico, isso é uma excrescência e, provavelmente, ficaria reprovado no projeto de monografia, dissertação ou tese.

E foi entre uma corrida e outra nas ruas do bairro para tentar espantar os monótonos dias de trabalho em frente a uma tela de computador cheia de letras e com poucas faces bondosas, daquelas que se sensibilizam com os professores e abrem suas câmeras, associada às preocupações da pandemia e ao tédio do isolamento social, é que decidi que não faria um texto aos “moldes científicos”, com suas regras e especificações, nem mesmo um texto

tendo como temática os assuntos principais de minhas pesquisas.

Peço desculpas se a decisão de escrever um texto desta forma, como mistura de formalidade e informalidade, não era a esperada ou não será bem-vinda. Aliás, vocês têm todo o direito e dever de, caso queiram, rejeitá-lo. E também para aqueles que esperavam alguma proposição teórica envolvendo os termos “fictícios da vida”, ao menos aqui vamos deixá-los um pouco de lado. Até porque os textos acadêmicos e nossas interpretações sobre o capitalismo contemporâneo são facilmente encontrados pelos caminhos da vida e suas publicações, e talvez não sejam mais novidade. Por outro lado, as novas tentativas são sempre importantes, nos tiram um pouco do mesmo lugar de sempre, daí este experimento.

Foi neste contexto que eu lembrei da tese de Lupatini (2015) que considera que o período contemporâneo, um subtema do título da revista, é caracterizado por dois pontos centrais: a radicalização da grande indústria e o desenvolvimento das formas autonomizadas do capital¹. Normalmente, estes dois termos são denominados na literatura corrente por reestruturação produtiva e financeirização, respectivamente. Porém, é de se destacar que não são estas as identificações do autor, que indica claramente a insuficiência dos mesmos.

A nosso ver, a temática da assim chamada reestruturação produtiva deve ser entendida a partir das transformações do capitalismo, não sendo somente uma característica de mudança

¹ O capital vai assumindo formas ao longo das fases do ciclo global (capital dinheiro, capital produtivo, capital mercadoria) que autonomiza-se em outras, representando o surgimento de novas funções como os comerciantes de mercadoria e dinheiro.

técnica, como normalmente é retratada. Grande parte das publicações sobre o tema aparece como a “transição” de uma forma de produção, rígida, de produtos homogêneos, com alta especialização do trabalho, produção em série e em massa, portanto fordista, para um regime de produção especializado, de mercadorias heterogêneas, em que a demanda do consumidor se torna particular, um regime, portanto, flexível. É a famosa transição do regime fordista para a acumulação flexível. Algum erro nesta interpretação? Não necessariamente. Porém, normalmente a palavra transição indica a passagem de uma forma a outra, onde os traços do processo produtivo anterior deixaram de existir para surgir um novo. Não achamos isso adequado. Ademais, e talvez mais importante, há que se levar em consideração que estas mutações fazem parte, estão na essência de transformação do próprio modo de produção em busca de criação de riqueza.

Ora, para aqueles que estudaram o processo de formação econômica do capitalismo, ou que tiveram um contato com a história e a história econômica, sabe-se que as revoluções industriais, tanto a primeira quanto a segunda, provocaram mudanças sociais, culturais, econômicas, significativas no seio das sociedades nos séculos XVIII e XIX, da mesma forma que a mais recente a partir do séc. XX.

A questão, como sugerimos acima, é que estas transformações são inerentes à natureza do capitalismo. Ele revoluciona constantemente seus métodos de produção, de gestão, de organização, de sua força produtiva do trabalho, com o intuito central de criar mais excedente e de se apropriar de parte dele no mercado, na fase de circulação, em meio à

concorrência capitalista. É o capital produtivo se revolucionando na criação de novas formas de acumulação, em meio a relações imbricadas com as formas capitalistas nas fases de circulação.

Quanto ao que se convencionou chamar de financeirização, globalização financeira, mundialização financeira, com suas características conceituais diferenciadas, podemos sugerir, também, que o processo de expansão das transações financeiras no mundo acompanha o próprio desenvolvimento do capitalismo. E que a lógica do padrão de acumulação atual reside e/ou se pauta grandemente pela expansão dos ativos financeiros, em sua maior parte fictícios, nos mercados liberalizados ao longo das últimas décadas do séc. XX e início do séc. XXI. Novamente é importante frisar: o fato de termos um processo especulativo de destaque no capitalismo contemporâneo não quer dizer que ele só existe hoje. A especulação com os preços das tulipas no séc. XVII na Holanda é um exemplo (Chancellor, 2001).

Mas, evidentemente, este processo adquire proporção e particularidades significativas no capitalismo atual que nos sugere dizer que interfere com grande ênfase na lógica do padrão de acumulação, influenciando inclusive o próprio funcionamento do capital produtivo. As Sociedades Anônimas, bem como as suas empresas terceirizadas, ficam mais expostas às diretrizes de rentabilidade das finanças a partir, por exemplo, das políticas de governança corporativa e do direcionamento principal da rentabilidade para garantir a remuneração dos acionistas, possuidores dos títulos de propriedade. Caracterizar este processo faz parte um pouco de nosso trabalho

mas, como havia prometido, vou poupá-los de certas repetições que vocês conhecem e/ou vão conhecer.

Em que pese que estas características acima façam parte do processo de autonomização das formas funcionais do capital e que estão inseridos na estrutura do capitalismo, outros elementos foram e são fundamentais na dinâmica atual de nossa sociedade. As políticas neoliberais, no contexto de um capitalismo monopolista, e não mais concorrencial como na época de Smith (1776), é outro citado no título da revista. A extinção formal do padrão-ouro, a flexibilização da entrada e saída de capitais das balanças de pagamento, e, principalmente, a exacerbação da individualidade continuam sendo traços, portanto, de nossas vidas atuais, atuando de forma muito intensa em todas as esferas da vida, não somente econômica, naturalmente.

E por esta perspectiva fica parecendo que o individualismo neoliberal e sua busca particular para as possíveis soluções do sistema passam somente pela resolução das problemáticas individuais, como se eles fossem internalizados e que por si só resultarão em um coletivo melhor e mais “desenvolvido”. Que o digam as teses do desemprego voluntário, do capital humano, da qualificação profissional e afins como solução dos problemas estruturais. Evidentemente que as soluções efetivas para as questões individuais devem ser buscadas, afinal elas são importantes para a própria ascensão social, de alguns; diferente é afirmar que elas são a solução dos problemas coletivos, num total de somas individuais. Ledo engano. Sinto dizer, mas o desemprego não acabará mesmo que todos se qualifiquem.

Portanto, se a individualidade não pode ser desconsiderada, já que representa uma face real, muito menos a totalidade deve ser. Até porque nos relacionamos em sociedade, em constante troca e proximidade com os outros, e o questionamento coletivo, a investigação, a crítica como fundamento do ser social é, e continuará sendo, mesmo para aqueles que apregoam a doutrina do individualismo, um fator importante. Até porque ela cria, inova, reorganiza, e, naturalmente, pode aumentar a produtividade e intensidade do trabalho, sendo, portanto, de seu próprio interesse. E isso não é só afirmado pelos críticos de plantão, como o meu caso, mas o próprio relatório do Fórum Econômico Mundial (2020, p. 72) indica, no caso do Brasil, quais habilidades são cobradas pelas empresas em seus programas de requalificação. Vejamos os itens: 1. liderança e influência social; 2. pensamento analítico e inovação; 3. aprendizagem ativa e estratégias de aprendizagem; 4. análise e pensamento crítico; 5. projeto de tecnologia e programação; dentre outros. Percebam que, para além das potencialidades individuais analíticas, a análise e pensamento crítico ocupa o 4º lugar em uma lista com dez indicações, o que reforça que o pensamento crítico também é levado em consideração pelos próprios contratantes quando da compra de força de trabalho no chamado mercado de trabalho, o último a ser constituído no capitalismo depois de muita expropriação e violência.

É por essas e outras que considero programas como o PET de uma riqueza fundamental para a formação dos discentes, enquanto futuros profissionais e agentes sociais ativos em nossa sociedade (Carcanholo, 2007). Para além da formação cotidiana das disciplinas, aprende-se a desenvolver a pesquisa, o ensino, a extensão,

e, mais importante, a trabalhar em grupo, resolver coletivamente os problemas e se forjar verdadeiramente como um Ser Humano. É por isso que sempre fiz questão de dizer que “não somos melhores ou piores do que ninguém, mas o PET nos torna diferentes” (Sabadini et ali, 2015, p. 313).

Por fim, apenas alguns questionamentos adicionais sobre uma temática somente indicada anteriormente, que se trata da pandemia. Dissemos anteriormente que as transformações recentes no capitalismo contemporâneo trazem evidentemente novidades enquanto formas de acumulação, mas ao mesmo tempo continuamos a retratar processos de desigualdade, criação e destruição, que não são novos ou novidades.

Além do Coronavírus que assola atualmente a humanidade, já verificamos, em outros períodos históricos, outras formas de pandemias. Apenas para ficar na mais recente, em escala mundial, lembremos da Gripe Espanhola no início do séc. XX. Se, naquele período, o capitalismo mundial vinha de um processo marcado pela Segunda Revolução Industrial, onde a grande indústria tomava corpo a partir de meados do séc. XIX, na periferia do sistema, como no Brasil, este processo, com todas as suas particularidades e especificidades, somente se verificará, de fato, enquanto indústria pesada, em meados do séc. XX. Ou seja, a última pandemia data do início do séc. XX, em 1918, num contexto de um Brasil eminentemente agrário-exportador. Não que esta característica tenha mudado totalmente na atualidade. Mas, a formação urbana sofreu uma transformação radical no país desta data para cá, promovendo maiores aglomerações no espaço urbano, bem como

disparidades mais evidentes enquanto formação de periferias nas cidades.

Desta forma, será que uma possível outra pandemia, depois da de 2020, somente acontecerá depois de um século, em 2120? Ou o processo de destruição da natureza com a clara devastação ambiental e desequilíbrios sentidos nas florestas, oceanos, mudanças climáticas e de temperatura, na busca incessante pela produção em grande escala de mercadorias, para um mercado consumidor muito maior do que aquele do início do séc. XX, revelando a intensa e crescente desigualdade e concentração de riqueza e renda de uma sociedade doente, onde o surgimento e crescimento de favelas, moradias desumanas, bairros e cidades inteiras com falta de saneamento básico, transporte coletivo que aglomeram enfileirados os trabalhadores que se destinam a seu trabalho, encurtará o tempo das pandemias? Não temos respostas para isso. A única coisa a ser dita, é que a história também é construída por nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARCANHOLO, Reinaldo A. PET-Economia/UFPB e PET-Economia/UFES. In: SOARES, Maria do Carmo F.; MOURA, Maria D. (Orgs.) **O Programa de Educação Tutorial (PET) em perspectiva: o olhar dos tutores**. Recife, Editora UFRPE, p. 47-51, 2007.

CHANCELLOR, Edward. **Salve-se quem puder: uma história da especulação financeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LUPATINI, Márcio P. **O capital em sua plenitude: alguns dos traços principais do período contemporâneo**. Tese (doutorado).

Escola de Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SABADINI, Mauricio de S.; BIANCHIN, Cláudia E. D.; AZEVEDO, Nathália C.; BOLELLI, Rayssa D. A Educação Crítica e Cidadã no PET Economia/UFES, **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 14, n. 2, p. 303 - 313, ago./dez. 2015.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações:** investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The Future of Jobs Report 2020.** October 2020